

ANPO LL - José Person - 1996

O Saber, A Língua E A História

Eni PUCCINELLI ORLANDI

DL IEL UNICAMP

INTRODUÇÃO

Procuraremos expor aqui algumas reflexões sobre a articulação da história das idéias(teorias)lingüísticas com a história da constituição da língua nacional.

A compreensão desse objeto de reflexão exige, por si, o estabelecimento de procedimentos metodológicos específicos. Esses procedimentos, no que diz respeito à questão da história da ciência, são especificados pelo que tem sido produzido pela equipe do prof.dr.Sylvain Auroux, em seu projeto "História das teorias Linguísticas", desde 1980. Trata-se de procedimentos que investigam a gramatização das línguas, e a sua instrumentação através de dicionários, vocabulários, enciclopédias, gramáticas.

O fato de termos relacionado, nessa história, a constituição do saber metalingüístico e a constituição da língua nacional (no caso, o português do Brasil) traz sua especificidade e merece de nós alguns comentários.

Nossos pressupostos, face a esta articulação, se originam na observação do papel fundamental desempenhado pela ligação necessária entre unidade e variedade tanto para os estudos sobre a linguagem como para a instituição de "uma" língua para um povo(nação,país,Estado) e na relação com seus falantes.

O formalismo do sistema e a diversidade concreta tem produzido discussões perseverantes. Essa dualidade contraditória - dita na construção do objeto "língua" que convive necessariamente com o fato de que existem "línguas" - realiza-se materialmente na própria estrutura das teorias linguísticas e na história de seus confrontos(Pêcheux e Gadet,1981).

Desse modo, a articulação entre a história das idéias e a história da constituição da língua, como estamos propondo, objetiva a tomada em consideração dessa dualidade.

Consideramos essa articulação em dois pontos basicamente. De um lado, a história das idéias linguísticas se produz em condições determinadas e nessas condições entra a história de constituição da língua nacional. De outro, como a questão da língua é uma questão do Estado, a produção de um conhecimento sobre a língua se apresenta como uma das formas de negociação da relação entre a unidade e as diferenças no território nacional.

Resta dizer, nessa introdução, que tratamos da história das idéias linguísticas (e não só da história da linguística) pois além de tomarmos assim o ponto de vista interno ao próprio conhecimento sobre a linguagem e não, como o historiador, o ponto de vista externo, podemos sobretudo estar atentos às formas que o saber linguístico tomou no Brasil ao longo de sua história, até se constituir na forma em que hoje se reconhece o que chamamos Linguística. Isto permite alargar a reflexão para pensar a Linguística dentro das relações de conhecimento mais gerais e, particularmente, dentro da história das idéias.

Nesse sentido, embora a Análise de Discurso não esteja diretamente concernida, ela nos dá um apoio metodológico que alarga nossa capacidade de compreensão, já que nos permite pôr em relação diferentes ordens de discurso: a do saber "sobre" a língua e a do saber "a" língua.

Pretendemos desse modo, com nossos resultados, propiciar que se situe com mais clareza a posição da produção do conhecimento linguístico no Brasil, no conjunto da história da ciência, e a produção das idéias que vão permitindo a construção de uma língua que chamamos "nossa". Como, em decorrência, não se pode falar em "nossa" língua sem pensar os processos pelos quais, através da construção da unidade da

língua, se constrói simultaneamente o cidadão que a fala, esse nosso projeto trará subsídios também para esse campo de reflexão.

Gramatização e Identidade Linguística

Tratar as idéias linguísticas é, então, tratar a questão da língua, a da produção de um conhecimento sobre ela, assim como a dos instrumentos tecnológicos a ela ligados e também da sua relação com a história de um povo que a fala.

Propomos tratar a história das idéias linguísticas nas condições próprias da história brasileira: uma colônia portuguesa que se torna Estado independente no início do século XIX.

Temos fundamentalmente em conta a língua que funciona no Brasil (extensão do campo de comunicação de Portugal para o Brasil) que, por suas especificidades, faz parte do processo de constituição da nacionalidade.

Desse modo, interessa o estudo dos instrumentos tecnológicos da gramatização do português brasileiro, no sentido em que este termo é definido por S.Auroux(1992,65): "Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário". Ora, a construção de tecnologias é parte do modo como qualquer sociedade se constitui historicamente. Assim, a observação da construção desses instrumentos tecnológicos resulta em compreender o modo como a sociedade brasileira constrói elementos de sua identidade. Mais do que isso, a produção tecnológica relacionada à linguagem é lugar privilegiado de observação da forma como essa sociedade produz seu conhecimento em relação à sua realidade.

Pela trajetória desses instrumentos, encontramos a constituição de uma descrição linguística no Brasil que, antes de ser uma questão brasileira, é uma questão de

catequese. A gramatização de uma língua indígena é o primeiro momento da análise de linguagem em território brasileiro (ou melhor, português).

Os estudos de linguagem passam a se caracterizar como uma questão brasileira só a partir do século XIX, quando se coloca a questão do Português do Brasil e não somente a questão do Português. Só a partir de então o estudo do Português passa a afetar a constituição das idéias linguísticas no Brasil. Antes, a questão da linguagem era só um modo de apropriação do Brasil por Portugal.

A gramatização brasileira, tensa entre o específico brasileiro e o modelo Português, chega ao final do século XX como a afirmação - a nível da política linguística oficial - de que apesar dos séculos de mudança e diferenciação mútua, há uma unidade linguística entre Brasil e Portugal.

Paralelamente, podemos dizer que a constituição da língua nacional no Brasil é um efeito construído pela história contraditória da gramatização brasileira. No sentido mesmo de que a gramatização de uma língua é parte da história da língua, não sendo, simplesmente, uma produção de instrumentos sobre ela. As tecnologias não são só resultado de um saber, são também parte dos fatos para os quais, ou a partir dos quais, foram produzidas. Assim a língua nacional, a língua que identifica o brasileiro é uma língua que tem particularidades estruturais, mas é a língua que imaginariamente o brasileiro não sabe, porque ela é, também, a língua que os portugueses sabem (mesmo que a língua que eles - os portugueses - falam e escrevem não seja propriamente a mesma que no Brasil se fala e se escreve).

Espaço de Comunicação

A Língua, a Ciência e a Política estabelecem entre si relações profundas e definidoras na constituição dos sujeitos e da forma da sociedade. Ao mesmo tempo em que a Linguística vai-se constituindo como ciência, a questão da Língua é afetada pela

relação do sujeito com o Estado. As políticas gerais de um país manifestam essa interrelação, de que a forma mais visível é a formulação específica das Políticas Linguísticas (invasões, exclusões, hierarquizações). A noção de política linguística adquire aqui um sentido outro. Ao se definir que língua se fala, com que estatuto, onde, quando e os modos de acesso a ela - pelo ensino, pela produção de instrumentos linguísticos, pelo acesso às publicações, pela participação em rituais de linguagem, pela legitimação de acordos, pela construção de instituições linguísticas - está-se praticando as várias formas das políticas da língua ao mesmo tempo em que, para identificá-la, se está produzindo seu conhecimento, sua análise, e está-se dando a ela uma configuração singular.

A questão da historicidade na língua - falamos o português mas não é o de Portugal - põe a questão do estabelecimento de situações enunciativas diferentes. Por seu lado, a forma dessas situações pode nos dizer muito sobre as relações sociais estabelecidas por quem as falam. É também em relação a elas que podemos apreciar a maneira como a produção de um saber metalinguístico participa da historicidade da língua (e vice-versa).

Pela análise dos materiais que vão construindo instrumentos linguísticos desde os descobridores (cf. a análise de José Horta Nunes, por exemplo, da Carta de Pero Vaz de Caminha em sua tese de doutorado) até os jesuitas e viajantes, podemos observar o processo que se segue:

Em um primeiro momento há um investimento na relação entre a palavra e a coisa. A questão aí é o referente : é a mesma coisa (a do Brasil em relação à de Portugal)? Os enunciados aparecem sempre com marcas de determinação de natureza dêitica (nesta terra, aqui, lá, etc). O português é o que reconhece e nomeia. Isto se passa em uma situação enunciativa que é transporte de situações enunciativas portuguesas (sit.enunc.I). Mas isto acontece aqui no Brasil. E este fato, este acontecimento linguístico da colonização, como veremos, é muito relevante e força contornos outros

para a enunciação. É a materialidade da situação discursiva que produz seus efeitos(E.Orlandi,1993 a).

Nesse processo,veremos que, cada vez mais, a diferença é uma diferença de língua(nome) e não da relação palavra-coisa. Daí o trabalho de classificação, de fixação,de organização em listas de palavras , de definições(F.Mazière,1994).

No entanto , com essas enunciações, o português transportado vai , pelo imaginário , estabelecendo uma outra realidade para a relação palavra-coisa que começa a ser reconhecida ambigamente : do lado de lá e do lado de cá. Começa a se instalar um espaço de interpretação, deslizes de sentidos, efeitos metafóricos entre o português do Brasil e o de Portugal.

Em face dessa realidade (ambivalente), configuram-se novas situações enunciativas(agora, sit.enunc.II - brasileira).

Novamente, em um movimento do saber, paralelo ao anterior, a construção discursiva do referente cede lugar à distinção, à classificação. Ou seja, a operação referencial nome-coisa dá espaço à atividade conceptual nome-nome(lista de palavras,dicionários monolingues etc) que vai provendo a língua praticada nessa situação enunciativa(II) de um novo regime de funcionamento na relação Unidade/Diversidade: a unidade não refere o protuguês do Brasil ao de Portugal mas às variedades no Brasil.

Garante-se assim a unidade necessária do português-brasileiro referido ao seu funcionamento(aqui) nessa sua historicidade, o que lhe dá sua singularidade. A variação não é em relação à Portugal mas em relação à diversidade concreta produzida nesse lado de cá do Atlântico, nesse outro território, nesse novo espaço de comunicação.

Podemos fazer intervir aqui a noção de hiperlíngua de S.Auroux(1994).Diz ele: "Em outros termos,o espaço-tempo, em relação à intercomunicação humana, não é vazio, ele dispõe de uma certa estrutura, conferida pelos objetos e pelos sujeitos que o ocupam. Denominaremos hiperlíngua a este espaço-

tempo assim estruturado. Introduzir um novo objeto (por exemplo:um sujeito dotado de capacidades linguísticas desviantes, um dicionário, ou ainda o meio de comunicar à distância) muda a estrutura da hiperlíngua. Os acontecimentos na hiperlíngua (aqueles a que chamamos "discursos") mudam igualmente (mais ou menos) a estrutura".

Essa definição de Auroux encontra eco em outras como a que propõe(E.Orlandi, 1984, Orlandi e Souza, 1988, e Orlandi,1990) de língua imaginária, distinta de língua fluida, acentuando a historicidade desse conceito e introduzindo a dimensão discursiva (não da língua, mas na língua). Mas encontra eco sobretudo em um dos nossos linguistas mais lúcidos e precursor de muitas de nossas idéias(mesmo quando não o sabemos). Mattoso Câmara(1976) dizia então: (...) as discrepâncias da língua padrão entre Brasil e Portugal(...) resultam essencialmente de se achar a língua em dois territórios nacionais distintos e separados". E ele acrescentará que, mesmo a proximidade da vida social e cultural não pode impedir a não coincidência da evolução linguística. Aí estava já afirmada a (sobre)importância da materialidade histórica do próprio território, a geografia material do país determinando os rumos da língua.

Em relação à situação do português brasileiro que estamos referindo, podemos dizer que, então, a extensão desse "espaço de comunicação",essa desterritorialização do português se faz por práticas que instituem isto que estamos chamando de diferentes situações enunciativas. Para compreender o sentido desse percurso - a historicização da língua - é preciso atentar para o seu funcionamento e não apenas para as "fórmulas" classificatórias. Mais uma vez podemos dizer que não são os aspectos empíricos ou abstratos que nos levam a compreender esse fato mas a materialidade, a historicidade da língua(cf.E.Orlandi,1993).

Isso nos permite, numa crítica que tem seu paralelo ao que diz a análise de discurso sobre o formalismo e a complementaridade da pragmática, dizer que o

português-brasileiro não é apenas uma "contextualização" (efeito pragmático) do português de Portugal (este, literal), nesse lado do Atlântico. Ele é sua historicização.

Destituindo a universalização do Português de Portugal pelo deslocamento de seu domínio de validade (território de definição), esse movimento que traz para um outro território (solo, país) a relação entre Unidade/Diversidade, pela sua historicização, re-instala desse lado de cá o processo de legitimação da língua portuguesa, referindo-a não a um suposto modelo imóvel externo a esse seu campo de validade. Se a colonização impõe uma língua, por outro lado, a historicização da língua faz com que essa mesma colonização sofra um deslocamento visível no processo da gramatização. Como pudemos observar, o trabalho da gramatização, em um país colonizado, desloca o eixo relativo à universalização. Ter uma gramática, nessas condições, é ter foros de universalidade. É ter direito à Unidade(imaginária) constitutiva de toda identidade. Correlativamente, falar nos "usos variados" é defender uma "outra" língua. E, desse lado de cá do Atlântico, uma vez conquistado o direito à Unidade, de imediato se começa, de novo, a reconhecer as variedades: a influência indígena, a africana e etc.

Conclusão

Por todas essas considerações, em nosso trabalho, procuramos tornar visível o modo como se instala uma história das idéias em conformidade com nosso sujeito histórico-social. Ocupa-nos, em consequência, o estudo do que se constitui em fundamento na construção do imaginário social brasileiro. Procuramos estabelecer a relação entre a história das idéias linguísticas que presidem a constituição da língua nacional e esses processos. Procuramos ainda explicitar a relação entre as concepções de sociedade praticadas no Brasil e a história da normatização do português como língua

standard (índio nacional, oficial) , determinada pela história do saber sobre a língua e a produção dos instrumentos linguísticos que a configuram.

Nesse sentido, estaremos indicando os pontos de contato , mas também as diferenças , em relação à produção desse conhecimento em países europeus, como a França. Quanto a isso, não vemos, em nosso caso , o conhecimento sobre a língua apenas como um saber produzido "a partir de" ou "sob a influência" dos países europeus. Procuramos observar como, através desse conhecimento, criam-se condições para a construção de um lugar próprio na história das ciências e que permite, além disso, também reconhecer as singularidades de nossa língua nacional.

Bibliografia

- S.Auroux (1992) *A Revolução Tecnológica da Gramatização* ,Ed.Unicamp, Campinas.
- S.Auroux (1994) "A Hiperlíngua e a Externalidade da referência" in *Gestos de Leitura* ,Ed.Unicamp, Campinas.
- Mattoso Câmara Jr(1976) *História e estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de janeiro, Instituto Nacional do Livro, MEC.
- Francine Mazière(1994) *La Définition*
- E.Orlandi (1988) (org.) *Política Linguística na América Latina* ,Ed.Pontes , Campinas.
- E.Orlandi (1990) *Terra à Vista* , Ed.Cortez/Unicamp, São Paulo.
- E.Orlandi (1993) "A Língua Brasileira", in *Boletim* 14, ABRALIN, São Paulo.
- E.Orlandi (1993 a) "Vão Surgindo Sentidos", in *Discurso Fundador* (org.), Ed. Pontes, Campinas.
- M.Pêcheux e F. Gadet (1981) *La Langue Introuvable* , Ed.Maspero, Paris.